



## GT 40. Etnografia e documentos

### Coordenador(es):

Bruner Titonelli Nunes (Pesquisador Independente)

André Gondim do Rego (IF Brasília)

### Sessão 1

**Debatedor/a:** Bruner Titonelli Nunes (Pesquisador Independente)

### Sessão 2

**Debatedor/a:** Maria Fernanda Maidana (Universidad Nacional de Tierra del Fuego)

### Sessão 3

**Debatedor/a:** Martiniano Alcantara Neto (Universidade de Brasília)

Os documentos fazem parte do conjunto de materiais e artefatos acessados (e produzidos!) pelos antropólogos desde a institucionalização da disciplina. Em períodos diversos, eles atingem níveis de importância e de centralidade na consolidação do campo antropológico; níveis que vão do desprezo, enquanto fonte de informação imediata e dominação sobre aquilo que se documenta (LATOURET, 2012), ao esforço de encará-los por uma leitura a contrapelo, evidenciando as suas capacidades organizativas e criativas (HULL, 2012; ZEITLYN, 2012). Cada vez mais, os documentos são incorporados à prática etnográfica. Em várias de nossas pesquisas antropológicas, partes significativas do ponto de vista de “nossos outros” podem estar documentadas nos mais diversos formatos. Olhar atentamente para documentos representa uma porta de acesso às lógicas e práticas de funcionamento dos ambientes que os produzem, dos circuitos que eles são colocados e operam, das redes em que figuram e das relações de poder que aderem a eles. Esse GT pretende receber reflexões e estudos que perpassam a relação entre etnografia e documentos em diferentes sentidos. Nosso interesse recai tanto em investigações que tenham os documentos como elemento central, como para outras que os transpassam e os transbordam para o melhor entendimento do universo estudado.

### **Definições, práticas e discursos sobre a subnotificação na vigilância epidemiológica da sífilis no Brasil: etnografia a partir de boletins epidemiológicos.**

**Autoria:** Eduardo Doering Zanella (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Este work apresenta como objeto de estudo o fenômeno da subnotificação no campo da vigilância epidemiológica da sífilis no contexto brasileiro. Objetiva-se descrever como a subnotificação é definida, manejada e discursivamente acionada em diferentes cenários epidemiológicos da sífilis no país: quando concebida como um grave problema de saúde pública, mas normalizado e, mais recentemente, em 2016, quando conceptualizada como uma epidemia. Está é uma pesquisa documental, cujo universo de estudo concentra-se nos boletins epidemiológicos destinados a divulgar indicadores de saúde relacionados à sífilis, publicados desde 2004. Os documentos são concebidos como atores fundamentais na organização de modelos de atenção à saúde, bem como cristalizações de controvérsias relativas aos temas tratados. É pertinente, também, considerá-los como fontes de informação sobre as categorias conceituais mobilizadas no universo do sistema de saúde brasileiro, passíveis de serem problematizadas a partir de experiências etnográficas em lócus específicos. A subnotificação é tomada para análise a partir da problematização das relações entre indicadores de saúde e escalas. Entende-se que indicadores de saúde constituem instrumentos de escala, inerentemente relacionais e comparativos. Ou seja, ferramentas que permitem o



dimensionamento da doença entre registros espaciais, temporais e populacionais, bem como permitem a comparação das características da doença entre esses diferentes marcos. As escalas, por sua vez, são consideradas processos e não produtos pré-determinados: o efeito material mais ou menos estável de um work conceitual e prático. A subnotificação é entendida como uma lacuna, ausência ou falta no processo de quantificação epidemiológica da sífilis, de modo que sua definição é sujeita a alterações, o que também permite uma multiplicidade de interpretações de seu significado na avaliação do cenário epidemiológico da sífilis no Brasil. No material analisado, a subnotificação da sífilis passou a ser entendida como casos identificados, mas não registrados; como diferença de casos notificados e casos estimados; como a diferença entre diferentes indicadores de quantificação de doenças; e também como registro incorreto de categoria nosológica no ato da notificação. Cada uma dessas definições gera discursos diferentes sobre o cenário epidemiológico da sífilis, tanto em termos de confirmação do aumento do número de casos da doença no Brasil e, conseqüentemente, consolidando a ideia de que há uma epidemia em curso, quanto com o objetivo de mitigar a avaliação do cenário epidemiológico da sífilis no país. A análise realizada sugere a potência da etnografia a partir de documentos para compreensão dos processos de quantificação epidemiológica de doenças e agravos.

[Trabalho completo](#)



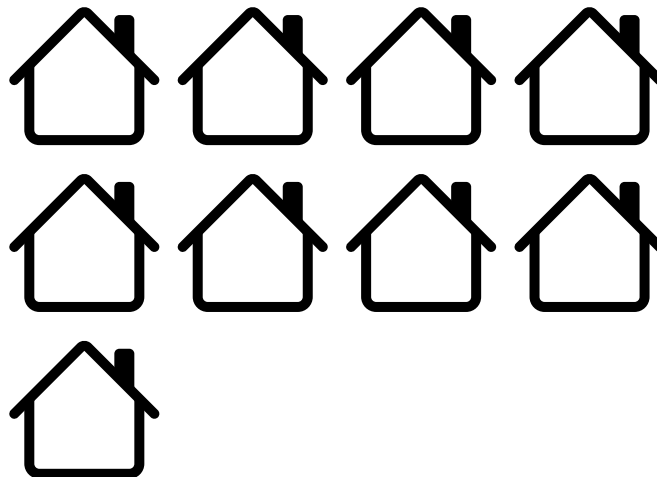
## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: